

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS CURITIBA
DEPARTAMENTO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA
NACIONAL**

JÚLIA CRISTINA RAMOS LOPES

**CARREGANDO A LITERATURA NAS COSTAS: A OBRA DE
JÚLIO DAMÁSIO**

MONOGRAFIA

**CURITIBA
2012**

JÚLIA CRISTINA RAMOS LOPES

**CARREGANDO A LITERATURA NAS COSTAS: A OBRA DE
JÚLIO DAMÁSIO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título e Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Naira Nascimento

CURITIBA

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, José Mainardes Lopes e Ondina Ramos Lopes, pelo incentivo e companheirismo dedicados.

A todos os educadores em exercício no Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, especialmente à professora Naira Nascimento, pelo conhecimento compartilhado e pela atenção durante as orientações.

Ao escritor Júlio Damásio, pelas horas destinadas, entrevistas e conversas informais, que colaboraram na produção deste trabalho.

Ao escritor Renato César Gawleta, poeta marginal que durante uma palestra durante meu último do ensino fundamental, apresentou sua obra **Não Fica Longe Mais Não**, deixando impregnada uma admiração por todos aqueles que à margem, realizam seu ofício literário.

Ao meu filho Bruno José que de além-mar nunca deixou de incentivar a conclusão de mais esta etapa de minha jornada.

A minha filha Anna Júlia, que compreendeu minhas ausências devido à produção deste trabalho.

“Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos”. (Campbell, Joseph. O Poder do Mito).

RESUMO

A ideia da presente pesquisa partiu da importância da literatura marginal, assim como a formação de novos leitores. Buscando apresentar as dificuldades que os escritores marginais encontram para se estabelecerem. Procura-se trabalhar dois contextos distintos, a da gênese histórica do artista maldito, que se colocando à margem do sistema, revelou a relação de mercado, e o tempo presente, representado aqui, pelo contista curitibano Júlio Damásio, escritor independente e autodidata, nascido em 1966 que, além da publicação independente de seus livros, ministra palestras e oficinas em escolas públicas do Paraná.

Palavras-chave: Literatura marginal, mercado, formação do leitor, Júlio Damásio.

ABSTRACT

The idea of this research came with the importance of the marginal literature, and also the formation of new readers. Looking to present the difficulties that the marginal writers found to establish. Working with two different contexts, the historical genesis of the artist, putting himself at the border of the system, revealed the relation between the market and the present time, showed here by the storyteller Julio Damasio, independent writer and autodidact, born in 1966, besides his independent publishing of his books, gives lectures and workshops in public schools of Parana

Keywords: marginal literatur, market, formation of the reader, Júlio Damásio.

LISTA DE TEXTOS

ANEXO A – Contos.....	42
ANEXO B – Microcontos.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A GÊNESE DO ARTISTA MALDITO.....	11
3 O CONTEXTO MARGINAL EM JÚLIO DAMÁSIO.....	17
3.1 ANÁLISE DO CONTO: PELEZINHO.....	21
3.2 ANÁLISE DO CONTO: DENTRO DA MORTE.....	24
3.3 ANÁLISE DO CONTO: O PIVETE E O ADOLESCENTE.....	27
3.4 ANÁLISES DO CONTO: JÚLIO DAMÁSIO MORREU.....	29
3.5 ANÁLISES MICROCONTOS.....	31
4 CONCLUSÃO	38
5 REFERÊNCIAS	40
6 ANEXOS.....	42

1. INTRODUÇÃO

“Sou mais um entre tantos escritores marginais que andam arqueados ao carregarem a literatura nas costas, por este ideal ser pesado demais”.

JÚLIO DAMÁSIO

Quando é delimitado um objeto de análise, com certeza existe ali muito da subjetividade de cada um, o pano de fundo de questões que envolvem o presente e algo marcado, vinculado ao passado. Somos seres históricos, não há como fugir desta máxima. Estamos conectados ao fazer histórico permanente, ao constante embate entre passado, presente e adventos futuros. Muitos discursos já foram produzidos em relação à literatura marginal, contudo a intenção aqui é aliar literatura e história através da produção do escritor Júlio Damásio, seguindo o que nos adverte Pesavento, em seu estudo, na Nova História Cultural: “não mais como uma mera história do pensamento, onde estudava-se grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. (PESAVENTO, 2004, p.15).

Dentro desta perspectiva, ao nos debruçarmos sobre o estudo da produção de um escritor curitibano, estando este ao que se costuma designar como “à margem” dos mercados editoriais, pensamos ser a história uma aliada no entendimento deste “conjunto de significados” que se incorporam na categoria literária aqui analisada. Damásio, o nome desse autor, foi escolhido pelo trabalho que desenvolve há mais de uma década, editando e vendendo seus livros, além das palestras e oficinas de textos criativos em Colégios. A resposta dos adolescentes é percebida logo após cada visita, o que pudemos constatar em pesquisa realizada junto às escolas estaduais participantes do projeto, entre elas: Escola Estadual Polivalente de Curitiba; Escola Estadual São Paulo Apóstolo e Escola Estadual Pio Lanteri. Seus livros, segundo relato das responsáveis pelas bibliotecas, chegaram a ser disputados pelos alunos, ocasionando fila de espera e concorrendo em número de procura, com títulos consagrados, da literatura de massa, destinados ao público juvenil, no caso os romances vampirescos. Interessante notarmos que a narrativa de Damásio como salienta Valêncio Xavier, em nota publicada no livro **Conto dos Contos e outros Contos**; é marcada por personagens vivos, nada de fantasia sem graça. Damásio por ser autodidata e escritor independente, transpôs muitas barreiras, foi recebido por olhos atentos e críticos, do premiado autor. Valêncio

Xavier que fez questão de apresentá-lo ao meio literário como mais um grande escritor, foi aceito ainda que de forma tímida na mídia literária, porém teve o conto, **Dentro da morte**, publicado em um dos principais jornais literários do Brasil: **Rascunho**. Damásio foi ainda convidado para ser membro da comissão julgadora do Concurso Literário Newton Sampaio, promovido pela Secretaria de Cultura do Paraná. Sendo um dos escritores aprovado em edital para ministrar oficinas de textos criativos pela Fundação Cultural de Curitiba, no ano de 2003, tendo alguns dos seus muitos contos adaptados ao teatro pelo grupo Guido Viaro. Pela trajetória de Damásio seu nome, pode representar um pouco da história da literatura marginal curitibana. Na presente monografia propomos uma análise nos contos e microcontos, publicados por Júlio Damásio entre os anos de 2003 e 2009. O trabalho que desenvolvemos tem por objetivo o estudo da produção marginal, seus espaços e tensões, além de sua função social, presente no discurso em questão. Muitos discursos já foram realizados no que tange à questão da literatura marginal. Não pretendemos aqui realizar um tratado sobre tal temática, no entanto objetivamos capturar elementos que possam nos ajudar a compreender um pouco mais sobre as questões que envolvem o processo, no qual se insere o escritor marginal. Para tal tarefa, escolhemos uma voz e suas narrativas, uma espécie de representante de uma grande teia, em que o tecer constante busca novos espaços.

A escrita da história local para Reznick, “costura ambientes intelectuais, ações positivas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais” (Reznick, 2002, p.3). O trabalho divide-se em dois capítulos, sendo o primeiro, da gênese do artista maldito, do rompimento de artistas a partir da modernidade que se colocaram à margem do sistema, revelando as relações de mercado, como Baudelaire e Flaubert. Adentrando em questões nacionais, observa-se um pequeno histórico sobre a literatura marginal da década de 70 e seus desdobramentos nos dias atuais. Para suporte teórico, contamos com o sociólogo Pierre Bourdieu, através de sua obra **As regras da arte**. No segundo capítulo, focamos na análise de alguns contos do escritor marginal curitibano, Júlio Damásio, publicados entre 2003/ 2009, pelo próprio autor, além de nos determos em alguns de seus microcontos. Os contos e microcontos foram selecionados através um critério pautado na variação temática, o que colabora com a análise.

2. A GÊNESE DO ARTISTA MALDITO

Ezio Flávio Bazzo, pós-doutor em psicologia e cronista, em palestra ministrada a convite dos estudantes de psicologia da UnB, proferiu a palestra “O Mito do Escritor Marginal”, em 11 de abril de 2002. Segundo ele verifica-se:

A dificuldade de esboçar até um simples retrato tanto do suposto “sujeito marginal”, como da produção “supostamente maldita”. E digo suposto propositalmente para insinuar desde já que, talvez, nem seja possível ser Marginal, essa pecha pejorativa que os editores do século XVIII lançaram, com fins estritamente econômicos, contra àqueles autores que preferiam publicar suas próprias obras. E digo suposto, -repito- porque qualquer um de vocês que conhece a dificuldade de permanecer sem nenhum estatuto, à margem, do outro lado do arame farpado, além de um período curto e idílico, já que tudo neste planeta beato conspira para que sejamos, ou jogados no lixo ou cooptados pela máquina da cultura. (BAZZO, 2002).

Partindo da fala de Bazzo, temos uma pequena parcela da dimensão do terreno em que acabamos de adentrar, ao iniciarmos o trabalho de pesquisa. De imediato nos deparamos com uma questão altamente complexa e que causa muitas dúvidas em relação ao que seria esta “literatura marginal”, segundo Heloísa Buarque de Hollanda:

A classificação marginal é adotada por análises e assim mesmo com certo teor e hesitação. Fala-se mais frequentemente 'ditos marginais', 'chamados marginais' evitando-se uma postura afirmativa do termo. Geralmente ele vem justificado pela condição alternativa, à margem da produção e veiculação do mercado, mas não se afirma a partir dos textos propriamente ditos, isto é, de seus aspectos propriamente literários. (HOLLANDA, 1981 p.98-99).

De acordo com o dicionário Michaelis o termo “marginal” adjetivo proveniente do latim **marginale** pode assumir as seguintes definições: 1. Pertencente ou relativo à margem. 2. Que segue a margem. 3. Escrito na margem: Anotações marginais. 4. Social caracterizado pela incorporação de hábitos e valores de duas culturas divergentes e pela assimilação incompleta de ambas. 5. Homem marginal indivíduo mais ou menos delinquente ou anormal, que vive à margem das normas éticas. A terminologia que aqui nos interessa, no entanto, é a que Hollanda nos apresenta. Acreditamos que não são os textos ou as narrativas produzidas dentro de um enfoque que aborde questões periféricas que devem eleger este ou aquele escritor como marginal. O que nos últimos anos parece estar assumindo um

papel de verdade única e absoluta. Dentro desta perspectiva, devemos nos incomodar com o seguinte questionamento: Para estar dentro deste discurso do que vem a ser um escritor marginal deve o autor obrigatoriamente ser um morador periférico e, mais ainda, ocupando este espaço? Seus textos necessariamente devem estar única e exclusivamente imbuídos de um caráter em que a “marginalidade”, a “violência” predominam?

Se a resposta para tal questão for positiva, qual lugar então ocupa aquele escritor, que, não sendo morador periférico, que não tenha a favela como cenário cotidiano e muito menos esteja inserido em locais privilegiados da elite, estando assim como poderíamos dizer, à margem da periferia e à margem da burguesia?

Não poderia ser considerado marginal apenas por não estar vinculado a um mercado editorial? De acordo com Heloísa Buarque de Hollanda sim. Contudo, como bem escreveu João do Rio, em sua obra **A Alma Encantadora Das Ruas**, o objetivo aqui é “flanar”, “perambular com inteligência”, mais precisamente ao século XIX, onde o sociólogo Pierre Bourdieu concentrou seus estudos, resultando na magnífica obra **As regras da obra de arte**, desse modo, vejamos como eram as relações entre autores, elite, editoras, naquele período, e quais eram as estratégias de resistência por parte dos escritores que se colocaram à margem deste processo, atingindo o que Bourdieu chama de “conquista da autonomia”. Quando tratamos de questões históricas, devemos ter o cuidado de observarmos que os significantes variam de acordo com o tempo em que os mesmos representam. Neste caso, analisamos aqui o que o sociólogo Bourdieu nos adverte sobre a segunda metade do século XVIII. Neste período, na França, uma nova sociedade emergia, em que formas de dominação condizentes com a estrutura social entravam em campo. A expansão industrial trouxe consigo uma classe que se beneficiava da mesma, os chamados “novos ricos sem cultura”. (Bourdieu, 1996. p. 64) As relações políticas evidentes neste contexto emergiam através de uma espécie de culto ao lucro, havia nas palavras de Bourdieu, “um grande distanciamento das sociedades eruditas do século XVIII”. (Bourdieu, Pierre. p. 65). A nova classe emergente inclinava-se para os romances mais fáceis, como os folhetins, que conseqüentemente abriam espaço para empresas de edição lucrativas. A poesia, no entanto, ia na contramão deste movimento. O engajamento com os menos favorecidos era seu norte. Bourdieu salienta aqui o caso do editor Poulet Malassis: “Editores como Poulet Massaris, que

publicava toda a vanguarda poética, particularmente Baudelaire, Banville, Gautier, Lacont e Lisle, foi compelido à prisão por dívidas”. (Bourdieu, 1996, p. 66).

Temos aqui uma relação de poder legitimada pela consciência do lucro e por tudo que esta sociedade emergente elegeria como interessante ou não. Neste sentido, o campo literário estaria totalmente sujeito ao campo do poder. Dentro deste contexto que um movimento de contestação aos valores pré-estabelecidos, surge revelando a relação com o mercado. A figura do “escritor marginal” pode ser entendida como uma constante queda de braço entre os autores que se negavam a deixar de lado suas aspirações, nos moldes destas relações. A aristocracia do século XVIII parecia fazer questão de cercar-se dos literatos, apesar, da vida mundana que muitos levavam. Já os emergentes da segunda metade do século XIX até poderiam suportar a presença destes literatos, desde que os mesmos assumissem o novo papel que lhes era reservado, espécies de “corpos estranhos”, ou, utilizando um termo cunhado por Norbert Elias, “outsiders”. Para Bourdieu, com o “desenvolvimento da imprensa, ocorre uma proliferação do mercado e dos bens culturais, seguida por uma carência, entre a oferta e a procura, de posições dominantes”. (Bourdieu, 1996, p.70). A gênese do artista maldito aqui se encontra em uma complexidade de relações e tensões, originadas a partir de um controle em que o interesse maior busca relegar à margem o literato, sua produção e, conseqüentemente, os frutos da mesma, o que para Bourdieu, está no cerne destas trocas:

Os detentores do poder político visam impor sua visão aos artistas e apropriar-se do poder de consagração e legitimação que eles detêm especialmente do que Sainte-Beuve chama de “imprensa literária”, por seu lado os escritores e os artistas agindo como solicitadores e como intercessores ou mesmo, às vezes como verdadeiros grupos de pressão, esforçam-se em assegurar para si um controle das diferentes gratificações materiais ou simbólicas atribuídas pelo Estado. (BOURDIEU, 1996, p. 67).

Este embate, entre forças distintas, insere o escritor em uma posição de luta pelo seu espaço e, conseqüentemente, pelos lucros oriundos do mesmo, sejam eles materiais, ou simbólicos. Não nos cabe aqui um estudo aprofundado sobre a temática abordada por Bourdieu, o que a princípio nos interessa é adentrar na categorização do escritor maldito, através do viés da própria cultura de resistência, frente aos paradigmas da modernidade. Baudelaire e Flaubert se inserem, sob a ótica do “escritor maldito”, nesta chancela dos valores imputados em sua época.

Ambos foram alvos de processos, isto com um intervalo de apenas seis meses. Flaubert foi absolvido, já o autor de **Flores do Mal**, recebeu uma multa de 300 francos, e obrigado a retirar seis poemas do trabalho que acabara de lançar; nada menos do que resultado de 15 anos de sua dedicação. Cada um dos autores aqui citados estabeleceu um rompimento com os valores que a sociedade oitocentista estabelecia como corretos, a ótica realista rompendo até mesmo com o que era permissível como realista. As estratégias de resistência de que estes dois autores, tendo como pano de fundo a crítica aos padrões sociais e as convenções literárias, podem ser vistas como um processo à margem do sistema dominante, o que caracteriza as obras de vanguarda.

Contudo, nos dias atuais, como definir o tal “escritor maldito”, “marginal”? Independente do grau de categorizações que possam ainda surgir, preferimos aqui tratar esta “marginalidade”, baseada na independência do autor. No entanto, se faz necessária mais um curto flamar. Agora não mais pela Paris da segunda metade do século XIX, mas pelos trópicos, mais precisamente pela terra Brasílis da década de 70. Uma propagação, das pesquisas sobre a temática “literatura marginal” foi produzida por Vinicius Gonçalves Carneiro, apresentada na “V Amostra de Pesquisa da Pós-Graduação – Faculdade de Letras, PUCRS”. O tema: “A Marginalização da Literatura Brasileira dos Anos 70 e 80: um olhar sobre a produção e a crítica das Cartas de Paulo Leminski e Caio Fernando de Abreu”. Gonçalves realiza um estudo tendo como **corpus** de análise os livros “Caio Fernando Abreu – Cartas (Moriconi, 2002) e “Envio meu dicionário e outras cartas” (Bonvicino, 1999)”. O entendimento das cartas como “arquivo” conforme conceito de Michel Foucault em **Arqueologia do Saber** (1997)” e de Jacques Derrida em **Mal de Arquivo** (2004). Transitando por um caminho descritivo, Gonçalves selecionou algumas cartas representativas partindo para o estudo da crítica sobre a produção literária dos anos 70 e 80. A bibliografia crítica analisada por Gonçalves consta de nomes como: Antonio Candido, Roberto Schwarz, Silviano Santiago, Flora Sussekind e Heloísa Buarque de Holanda. O questionamento presente na pesquisa de Gonçalves reside no porquê alguns autores desse período, como Paulo Leminski e Caio Fernando Abreu, foram e são esquecidos do discurso crítico e historiográfico tendo em vista sua representatividade e relevância no mercado editorial brasileiro dos anos 80. O autor trabalha com a hipótese de que os referidos autores não queriam a marginalização, realizando o possível para serem lidos e relidos, ao analisarmos a pesquisa de

Gonçalves, percebemos que o mercado editorial da década de 70 foi inviável para os mesmos, o que na próxima década se faz possível, inclusive com a sedimentação de alguns autores no mercado. Em relação à crítica, Gonçalves sustenta uma busca de enquadramentos explicativos que possibilitam a criação de estereótipos como “literatura marginal” ou “literatura do desbunde”. Estes estereótipos se tornaram relevantes para a legitimação de que Marcos Augusto Gonçalves e Heloísa Buarque de Holanda (1979) chamam de “boom literário”, mas que, segundo Gonçalves (autor da pesquisa), também contribuiu para que outros autores fossem apagados desse período, o que demarcou o **modus operandi** para ler os autores inseridos no “boom”.

Encontramos também a monografia apresentada para conclusão do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH). A pesquisa de Vivian Martins Nogueira Napoles, com o título: **Ethos e Pathos Discursos em Semiologia**: Uma proposta de análise do conto/crônica Coração de Mãe, enunciado por Férrez. O objetivo do trabalho de Napoles está no estudo da linguagem enquanto formadora de sentido nas trocas comunitárias (Machado, 2007). O escritor Reginaldo Ferreira da Silva, morador da favela Capão Redondo na cidade de São Paulo, inclui suas produções discursivas em grande parte editadas na Revista **Caros Amigos**, publicação mensal da Editora Casa Amarela e de circulação no Brasil, desde fim dos anos de 1990. Férrez chama suas produções discursivas, em grande parte contos de “escrita periférica”, “literatura marginal” e “literatura de rua”.

Napoles considera a literatura marginal à representação, para os habitantes de muitas periferias do país. No caso de sua pesquisa, especialmente para Férrez, uma manifestação de caráter sócio histórico, ou seja, uma espécie de direcionamento que norteará a valorização destes escritores. Interessante notar que através de sua pesquisa, Napoles nos mostra que, no Brasil, a literatura marginal viveu momentos de circulação expressiva por volta da década de 70, tempos ditatoriais. O Brasil experimentava uma particular realidade chamada de Contracultura, o que, segundo Napoles, rompia com os padrões do bom gosto burguês pela busca de uma estética que remetia ao lixo uma forma de cultura. Outro aspecto importante destacado na pesquisa aqui analisada é o fato de que os “escritores marginais da década de 70”. Segundo a antropóloga Érica Peçanha Nascimento em entrevista a Associação de Imprensa da Universidade de São Paulo

(USP), eram pessoas da classe média e alta que falavam sobre seu cotidiano de modo irônico. Nascimento (2006) acredita que atualmente o projeto dos escritores da literatura marginal é dar voz aos grupos excluídos da sociedade. Em uma das falas de Férrez, na pesquisa, é interessante observarmos a inserção do que nos falava a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento. Segundo Férrez em seu manifesto: **Terrorismo Literário**.

A literatura marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas, literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem; é o jeito como falamos como contamos a história, bom, isso fica para os estudiosos, o que a gente faz é tentar explicar, mas a gente fica na tentativa, pois aqui não reina nem o começo da verdade absoluta. (FÉRREZ, 2005, p.12-13).

A pesquisa de Napoles segue após focar na questão da literatura marginal, buscando alguns modos de interpretação que podem se remeter ao ato de linguagem literário discursivo. Nesta busca encontra o linguista francês Maingueneau (2005), que elucida o questionamento sobre o que é ou não literatura. No entanto, neste momento, não nos deteremos nestas questões, sendo que o objetivo principal desta pesquisa não é a busca pela elucidação de tal enigma sobre o que é literatura ou não. O que se busca aqui é a compreensão deste fazer literário marginal e suas significações sociais. Seguindo a busca por pesquisas que possam colaborar com o trabalho em questão, encontramos na Revista de Literatura em Meio Digital **Mafuá** da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), outra abordagem referente à Literatura Marginal. Franciele Queiroz Da Silva, da Universidade Federal de Uberlândia, em um artigo cujo título é **Crise na Literatura: um incomodo marginal?** Demonstra seu interesse através do **boom** das produções literárias escritas por jovens autores, moradores da periferia e os reflexos provocados por essas publicações nos estudos literários. Em seu artigo realiza reflexões sobre o “marginal” ontem e hoje. Também salienta o que Napolis já havia focado em seu trabalho, o fato de que na década de 70 o conceito de “escritor marginal” estava inserido no contexto de um grupo a chamada “geração mimeógrafo” e valia-se deste mecanismo para fazer circular as poesias produzidas.

Dentro desta perspectiva, o termo “marginal” assume distintas roupagens. Na década de 70 representava uma atitude de distanciamento das obras

“intelectualizadas” ou “populistas”. Segundo Silva, com a fundamentação de Mattoso, podemos compreender um pouco mais do sentido marginal. “O termo marginal foi emprestado das ciências sociais e traz como significado, o indivíduo que vive entre duas culturas em conflito, ou, que, tendo se libertado de uma cultura, não se integrou de todo em outra, ficando à margem das duas” (Mattoso, 1981, p.7). Para Silva, o conceito de marginalidade contemporâneo por mais abrangente e incluso pode abarcar inúmeros grupos, sejam eles homossexuais (pela escolha sexual), indígenas (pela diferença cultural), negros (pela raça), ou seja, identidades que não correspondem a uma cultura dominante. Esta noção de contracultura esta inserida no contexto de algo que se encontra à margem, ao periférico. O que Silva salienta em seu artigo é o fato de que os autores marginais buscam um espaço no mercado editorial e, para que isto se concretize, agem. Aliada a esta questão do “agir”, o projeto de pesquisa aqui apresentado estará imbuído com espírito demonstrativo de priorizar a produção do escritor marginal curitibano Júlio Damásio. Analisemos como se dá esta relação com o escritor que nos propusemos trabalhar, qual a posição do escritor Júlio Damásio neste palco de constante mutação, designado de “marginal” e quais os elementos que caracterizam sua narrativa.

3. O CONTEXTO MARGINAL EM JÚLIO DAMÁSIO: NARRATIVA, PERSONAGENS E ENFOQUE SOCIAL

“Quando a filha do escritor marginal pedia-lhe presentes, ele contava histórias”.

Júlio Damásio

Segundo Heloísa Buarque de Hollanda, em seu artigo **Literatura Marginal** “a literatura mostra algumas propostas e mudanças estruturais no sentido de sua criação e divulgação. Nestes casos, a própria noção de cultura, e por tabela de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até, - o que mais interessante -, sua função social”. Seguindo a linha de pensamento de Hollanda, focaremos aqui, a função social, a intencionalidade da denúncia e as representações desta na

“realidade social”, na produção do escritor Júlio Damásio, autor dos discursos, objetos de análise desta pesquisa, é autodidata, nasceu em Curitiba, no dia 25 de outubro de 1966, ministrante de palestras de motivação à leitura e oficinas de textos criativos, foi colaborador de vários jornais do estado do Paraná, dedica-se à literatura há mais de dez anos. Teve várias profissões e morou em diversas cidades brasileiras, vivenciou a realidade das ruas, dormindo muitas vezes em bancos de praças, pelas cidades por que passou. Suas andanças contam também com um período nos EUA, onde exerceu o ofício de pintor. Dentre suas obras estão: **Contos puramente maliciosos** (1999); **Conto dos Contos e outros contos** (2003); **A compota de pimenta e outros contos puramente picantes** (2007); **Júlio Damásio morreu + 113 continhos** (2009); **Oração de um quase descrente** (2009); **Num piscar de olhos** (inédito). No livro **Conto dos contos e outros contos**, Damásio recebeu nota de apresentação do saudoso Valêncio Xavier, crítico literário, cineasta, agraciado com vários prêmios entre eles o Jabuti pelo livro **Mêz da gripe**, 1999, segundo as palavras de Xavier:

Júlio Damásio, jovem paranaense, entra na literatura por um bom caminho, entrou com contos curtos, suas narrativas tratam de maneira muito pessoal a fome e a morte. Seus personagens são pessoas vindas de um mundo real, nada de fantasias sem graça. Os meninos de rua também são personagens desse seu mundo. É necessário, que os ótimos contos de Damásio possam ser lidos, para que se conheça um grande escritor desse país (XAVIER, 2003 prefácio Conto dos Contos e Outros Contos).

Buscaremos compreender um pouco mais da construção literária deste autor curitibano. De que nos fala Xavier, transitando, em um primeiro momento, por alguns contos presentes em obras já editadas pelo próprio autor e, posteriormente nos microcontos do então livro inédito, **Num Piscar de Olhos**. O nível implícito, por parte do autor, evidencia uma crítica social, seja através da realidade de seus personagens, seja por meio de como se dá a conexão de fatos presentes no cotidiano de pessoas, que, muitas vezes, passam despercebidos, sem que haja uma releitura dos mesmos. O gênero literário, presente neste estudo, segue de acordo com a obra de Damásio, em que o gênero conto predomina. Segundo a pesquisadora Julia Marchetti Polinésio, em sua obra **O Conto E AS Classes Subalternas**, “Machado de Assis foi o primeiro grande contista brasileiro, além de ter sido o primeiro a dar ao Conto, como gênero literário, a importância, até então destinada ao romance”. Teorizando a respeito do conto, Machado de Assis, se expressou:

É um gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público, toda a atenção de que ele é muitas vezes credor. (ASSIS, 1959, p.819).

Cabe aqui pensarmos nas dificuldades que Machado de Assis descreve em sua teorização sobre o gênero conto. Contudo, aliando a esta problemática, a questão da própria categorização “escritor marginal”, convém ouvirmos a voz de Damásio, quanto a estas duas questões, antes de nos debruçarmos sobre a análise aqui proposta:

Para se construir um bom conto, não se pode jogar frases soltas, palavras perdidas, de uma forma ou outra tem de existir a amarração. O conto exige além do talento muita paciência do artista. (Damásio, Júlio. entrevista novembro 2011).

Damásio mantém em seus contos características que lhe são peculiares, apresenta enredos claros, como se fossem imagens, quadro a quadro, a maioria de seus personagens são tipos comuns, representados ora por um narrador imparcial, ora pelo narrador onisciente. Outro fator presente em muitos de seus contos é o diálogo. O autor edita, divulga e vende suas obras de porta em porta, como foi o caso do livro **Conto dos Contos**, em que aproximadamente 1.800 exemplares, foram vendidos neste contato direto com o leitor. Importante discutirmos, em que medida a obra marginal se diferencia enquanto construção. Na perspectiva de Damásio:

A liberdade do escritor marginal tem voo longo, por vezes de asas quebradas A literatura contemporânea tem quase uma regra para ditar a literatura, quando falamos em prosa, o texto começa no meio da ação e termina por ali mesmo. A literatura de hoje não tem começo meio e fim, mas só meio. Acredito no valor do final em aberto, mas esse mesmo “final” que encanta alguns leitores experimentados deixam indignados os novos leitores, sem contar que em muitos casos autores se utilizam dessa técnica por incompetência para finalizar sua historia. A contemporaneidade que diz romper com as normas deveria respeitar o tradicional. A arte que emociona, ficou em desuso aos olhos da maioria, ficando apenas o olhar de perplexidade do espanto que quase sempre é uma pergunta que o leitor faz: O que ele quer me dizer? Talvez “não haja resposta”. Toda auto definição sofre do mal da presunção ou da falsa modéstia, seja como for, sou um escritor marginal, estou desvinculado do meio editorial. Hoje por opção, faço literatura marginal, por ter em meus textos aquilo que vi e presenciei nas periferias das grandes cidades que morei: Curitiba, Rio, Vitória, São Paulo, Nova Iorque, os sotaques e a língua são diferentes, mas os sentimentos os mesmos, quase sempre de indignação por se sentirem excluídos da sociedade. (DAMÁSIO, JÚLIO. entrevista nov./2011).

Ao analisarmos o discurso de Damásio, podemos perceber uma clara preocupação quanto ao preconceito acadêmico em relação aos textos escritos

quadro a quadro, que segundo o mesmo acaba por elitizar a literatura. Pensando neste aspecto, vamos ao encontro de um tema muito recorrente nos dias atuais, o caso dos “neoleitores”. Em sua fala, Damásio salienta certa dificuldade para aqueles que estão adentrando ao universo da palavra escrita. Muitas vezes a complexidade de alguns textos acaba por distanciar o novo leitor. Aliado ao ofício de escritor, Damásio realiza, como já mencionado, palestras de incentivo à leitura, denominada “Escritor em Sala de Aula”. Nesta atividade, costuma visitar turmas dos anos finais do ensino fundamental, dividindo o tempo de 40 minutos em duas etapas. Em um primeiro momento, apresenta os gêneros literários, características e peculiaridades de cada um. Em seguida inicia a narração de contos e microcontos. Vejamos o que o autor tem a dizer sobre esta experiência, e que em muito poderá nos ajudar a compreender as dificuldades citadas em sua fala anterior:

Ao narrar meus contos em escolas percebo nos olhos dos adolescentes a satisfação quando apresento um conto com desfecho surpreendente. Por outro lado em outros o desapontamento com os contos não lineares e com finais em aberto. Talvez influenciado por minhas narrações, tenha me dedicado e trabalhado os contos tradicionais, que quase sempre são lineares e com finais surpreendentes. Mesmo sabendo que estou indo na contramão, esse trabalho me realiza. Quando se fala em escritor marginal, logo se imagina um autor transgressor, quando se espera isso dos meus textos, não lamento, mas desaponto. (DAMÁSIO, JÚLIO. entrevista nov./2011).

Damásio nos coloca aqui uma questão relevante o fato de que o autor marginal, para muitos, peca ao não ser um “transgressor”. A autonomia literária não é garantia de que os padrões sejam constantemente rompidos, ou seja, um escritor marginal. Não precisa carregar consigo uma obrigatoriedade de ser “diferente”. A diferença aqui esboçada por Damásio a marginalidade editorial, em bancar suas produções e fazer sua literatura. Miguel Sanches Neto, em artigo publicado no jornal **Rascunho**, pode nos auxiliar a compreender um pouco mais do papel do escritor na contemporaneidade:

As festas literárias, as feiras de livros, as oficinas, as semanas de literatura, as visitas a escolas e instituições públicas e privadas, enfim, a grande agenda nacional de eventos que cobre todo o país, de pequenos municípios a grandes centros, colocou o escritor em contato permanente com a massa leitora, fomentando uma crítica endógena, pois além de escrever os seus livros deve ele avaliar a própria produção, em viva voz e por escrito, e também tratar da obra de seus pares mais próximos. (SANCHES, MIGUEL, 2011).

Miguel Sanches Neto revela o papel em que o escritor se insere no tempo presente. Esse contato permanente com a massa leitora, e aqui no caso de Damásio, seja através do mundo virtual, seja por meio das palestras de incentivo a leitura em escolas, parece aproximar o sujeito social que produz literatura, muitas vezes considerado uma espécie de herói mitificado, de outros sujeitos sociais, o público leitor, multiplicando a teia de relações. Júlio Damásio escreveu **Conto dos Contos e Outros Contos**, seu primeiro livro, em 2003. No conjunto, essa coletânea preserva características de sua literatura marginal. Primeiramente, por ser uma obra sem vínculo editorial. A isto aliada uma intencionalidade de abordagem de temas sociais, uma preocupação em colocar a condição de vida de personagens, muitas vezes vivendo em condições extremas de pobreza e injustiças. Iniciaremos agora, na análise de quatro contos de “Damásio”, Pelezinho; Dentro da Morte; O Pivete e o Adolescente; Júlio Damásio Morreu. Procuramos inicialmente apresentar a trama de cada conto para que o leitor possa conhecer o plano narrativo de cada um, compreendendo assim o enfoque discursivo. Na análise buscaremos focar os personagens e suas características, bem como as ações dos mesmos durante a narrativa. Ao final de cada conto, realizamos uma leitura da obra damasiana dentro da categorização de escritor marginal. O conto “Pelezinho” foi publicado no livro **Conto dos Contos e outros Contos**, no ano de 2003; o conto “Dentro da Morte” saiu no livro **Oração de um quase descrente**, no ano de 2009, edição do autor da coleção Tecendo Contos; O conto “Júlio Damásio Morreu” compõe o livro **Júlio Damásio Morreu + 114 continhos**, de 2009, edição do autor.

3.1 PELEZINHO

O personagem central do conto é Pelezinho, um garoto pobre que vive com a mãe, uma mulher que tem em seu árduo trabalho de diarista, a fonte de renda para que ambos possam sobreviver. A história começa com Pelezinho sendo acordado pela mãe, que lhe chama a atenção por já haver perdido três dias de aula na semana e advertindo o garoto, de que a vida não é somente jogar bola. Pelezinho reclama, diz estar com dor de cabeça, na barriga e no dedinho do pé. A mãe insiste, concluindo que está atrasada para a faxina grande que pegou. O tempo passa, mais precisamente dez anos, a mãe continua tendo que chamar Pelezinho, sempre pacientemente, insistindo para que o garoto leve os estudos a sério, pois, segundo

ela, sem estudo, o filho nunca será alguém na vida. A mãe enfatiza que está doente, seus braços doem e completa dizendo como sempre que a vida não é só jogar bola. Pelezinho já não responde mais com a doçura de uma criança, mas com a rebeldia de um adolescente “não encha o saco”. Insiste em descansar mais e reclama que foi chamado justo no melhor do sonho. Mais dez anos se passam, Pelezinho é sacudido com força, a insistência para que acorde é grande, responde que já vai para aula, dizendo para mãe que teve um pesadelo horrível. Acontece que desta vez não é mais a mãe trabalhadora e esforçada quem o chama, mas seu companheiro de cela, Negão, preocupado com a decisão do campeonato interno do presídio, ala A, contra ala B.

A história contada é simples, porém o autor costurou passagens da vida do personagem de forma que a cada novo despertar, as expectativas da mãe de que Pelezinho para que revertesse seu destino foram engolidas pela realidade dos que só sonham. Enquanto dormia e sonhava, o personagem caminhava cada vez mais para o pesadelo final. As questões sociais estão presentes sendo evidenciadas por meio do narrador. Pelezinho o protagonista leva uma vida cercada de dificuldades. No entanto, é através da mãe que se trava a realidade em que vive, o garoto vive sempre sonhando e a preguiça, uma das paixões de que nos fala Montaigne em seu Ensaio “Apologia de Raymond Sebond”, a “preguiça” acaba por dominar Pelezinho.

A caracterização de Pelezinho é exposta de forma indireta, ou seja, por meio do comportamento do garoto e de suas ações, sempre que a mãe o chama pela manhã, Pelezinho cria desculpas para continuar dormindo: “Mamãe, tô com dor de cabeça, dói à barriga e o dedinho do pé”. (p.13). A sintaxe do personagem é elaborada de acordo com uma característica determinante de sua personalidade: a preguiça, que no caso molda seu destino. Já a mãe representa no conto o universo do trabalho e da luta cotidiana apenas pela sobrevivência, tendo que lidar com um filho alienado em relação à necessidade do esforço em suas vidas. A mãe de Pelezinho é frágil, doente, contudo esforçada e consciente da necessidade de trazer o sustento para casa. Já o último personagem humano que aparece no conto é Negão, a única informação que temos dele é que divide a cela com Pelezinho, que, neste momento da trama deve estar por volta dos 30 anos de idade, levando em conta a passagem cronológica.

Referimo-nos a personagens humanos porque talvez uma inovação de Damásio seja ter deixado de lado a musicalidade contida em uma narração de uma partida de futebol, com o objetivo de inserir jogadores inexistentes no sentido humano. No entanto totalmente presentes na vida de Pelezinho em uma conotação social estão elementos como: “desgraça”; “racismo”; “humilhação”; “aliciamento para o tráfico”.

A narrativa é feita em dois níveis linguísticos: o do narrador, em tom de uma partida de futebol, e dos próprios personagens, representados pela mãe, Pelezinho e pelo companheiro de cela. O conto revela fases da vida de um garoto que vive com a mãe, diarista, e que, em meio às fases de sua vida, convive com o cotidiano de quem está à margem num sistema excludente. O autor descreve questões com as quais o personagem convive: sufoco, injustiça, esperança por dias melhores, desgraça, aliciamento para o tráfico, miséria, humilhação, desânimo, enfim a realidade “nua e crua”. A interrupção da narrativa se dá com as falas dos personagens, o que imprime a veracidade da partida do time dos que “só sonham” contra “as circunstâncias da vida”, e revelam fatos sobre a vida dos mesmos, como quando percebemos a profissão da mãe de Pelezinho: “Levanta! Eu tô atrasada, a casa que peguei pra faxina é grande”.

A transição de planos, ora a narração da partida de futebol, ora a fala dos personagens, oferece uma quebra interessante, pois a mesma remete o leitor a um nível mais próximo das circunstâncias presentes no conto. O que conduz a história é a representação das circunstâncias da vida que podem se revelar em uma trajetória de fracassos, colocando o estudo como a única alternativa para se ter um futuro digno, o que aqui se percebe: “Você tem que estudar ser alguém na vida. Sua mãe está doente, os braços doem. A vida não é só uma bola”. (p.15). Ao final, o leitor acaba sendo surpreendido, acreditando que mais uma vez a mãe batalhadora ainda chama o filho para a realidade. No entanto, quem entra em cena nada mais é do que o companheiro de cela de Pelezinho. Convocando-o para uma partida de decisão contra a “Ala B” do presídio. Enfim, o aliciamento para o tráfico foi o técnico escolhido pelo garoto. Pelezinho transita por inúmeras questões sociais e imprime a característica principal do autor, o “flanar”, pela realidade, aqui está presente a própria questão da marginalidade. O conto Pelezinho, foi publicado no livro **Conto dos Contos e outros Contos**, no ano de 2003. Damásio, entretanto em sua construção literária, utiliza-se não somente de temas que transitam pela

marginalidade de personagens, mas amplia seu foco, para outros elementos que configuram os conflitos humanos, como veremos no próximo conto.

3.2 DENTRO DA MORTE

Um homem, de nome Boris, se vê diante de uma situação fantástica, surreal. Ao abrir os olhos, percebe estar dentro de um caixão lacrado e enterrado. Ao identificar o absurdo em que se encontrava, tenta de todas as formas se libertar. O espaço é pouco, ele se debate, chuta, acotovela e arranha as paredes de madeira que o prendem. Em um primeiro momento, acredita ter sido enterrado por um equívoco, talvez tivessem lhe dado como morto, quando na verdade poderia ter sofrido apenas um mal súbito. Dentro do silêncio sepulcral, Boris tenta organizar seus pensamentos e por mais que tente, não consegue encontrar um motivo para estar dentro de um caixão. Não se recorda de nenhum acidente, ou algum mal súbito que justificasse sua morte. Passa então a refletir sobre a vida que levava até então, mais precisamente sobre seus enganos, que, segundo seu fluxo de consciência, foram muitos, como o deixar-se cercar por pessoas que amava o único objetivo de acumular bens, que, naquele momento, de nada lhe serviam. Sente-se culpado por viver correndo, atropelando a tudo e a todos, olha para o pulso e vê o relógio de ouro, questiona a ganância e a vaidade, e talvez o que tenha sido seu pior engano, não acreditar que um dia sua morte chegaria e, pior ainda, que houvesse vida dentro dela. Esforça-se mais uma vez, observa a hora, penaliza-se pelas pessoas que sentiriam sua falta, lamenta mais ainda quando conclui que, infelizmente, não haveria ninguém que pudesse derrubar uma lágrima verdadeira.

Tenta se conformar com o sepulcro, mas o desespero recomeça ao perceber que seu perfume francês é incapaz de camuflar o mau cheiro de seu corpo que estava sendo devorado pelos vermes. Apenas perguntava-se quanto tempo ainda restaria esta consciência da vida na morte, seria esta permanente. Boris pensa então que tudo isto só poderia tratar-se de um pesadelo, gasta todas as suas forças e de tanto se debater percebe que de seus dedos carcomidos esguichava sangue. Grita e, vencido pelo desespero, apaga.

Ao abrir os olhos novamente, Boris está desperto em seu quarto, percebe as paredes recém-pintadas de azul piscina, sente o ar da primavera que entra pela

janela, ouve o canto dos sabiás e vê que o simples fato de respirar era algo espetacular. Boris vislumbrava a verdadeira beleza da vida, estar vivo.

Olha para o relógio. O vidro rachado marcava nove horas. Perdera a reunião de negócios, mas isto pouco importava. Levanta-se e, com horror, tenta esquecer o pesadelo que tivera. O alívio por não estar mais dentro de um caixão é grande. Vai até ao banheiro, abre a torneira para lavar o rosto, mas percebe que de seus dedos escorre mais sangue do que água. Coloca as mãos na face e quando as tira, enxerga-se novamente dentro de seu pior pesadelo, dentro da morte.

A morte assume o tom da narrativa, o personagem tem uma profundidade única e a dramaticidade está tanto na história quanto em Boris. A estrutura do conto é simples, mas a situação e os fluxos de pensamento do personagem revelam a limitação material e espiritual em que as pessoas acabam por se aprisionarem. O medo e o horror frente à morte, retratados através da fantástica experiência de Boris. A narrativa ocorre na terceira pessoa, através de um narrador onisciente. Desta forma, o mesmo conhece todos os fluxos de pensamentos de Boris, o personagem que se vê dentro do pesadelo da morte, a coesão equilibrada beira o dramático, arrastando o leitor em uma espécie de transe surreal.

Aqui as facetas sociais se diferenciam do conto Pelezinho, pois não foram as dificuldades da vida, em níveis de pobreza, preconceito ou humilhações que remetem o personagem a um destino trágico, mas o inverso deste mecanismo. O excesso se faz presente nas ações de Boris: “Por correr atropelado, por correr atropelando, corria contra o tempo” (p.6). O fluxo narrativo, elaborado pelo autor, colabora para que o leitor adentre na presa em que o personagem viveu ou vive, pois somente no final derradeiro é que se constata a morte eminente de Boris. A carga reflexiva utilizada por Damásio assume uma roupagem carregada de significantes. O tema “morte” possui uma representação existencial, em que certos valores cultivados ao longo da vida de Boris são questionados por ele. Deste modo, o protagonista, se revela como uma espécie de protótipo humano diante do fim. Damásio incorpora à narrativa elementos fantásticos. Segundo Tzvetan Todorov, em seu livro **Introdução à Literatura Fantástica**:

Estamos agora em condições de precisar e completar nossa definição do fantástico. Este exige o cumprimento de três condições. Em primeiro lugar, é necessário que o texto obrigue ao leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Logo, esta vacilação pode ser também sentida por um personagem de tal modo, o papel do leitor está, por assim dizê-lo, crédulo a um personagem e, ao mesmo tempo a vacilação está representada, converte-se em um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com o personagem. Finalmente, é importante que o leitor adote uma determinada atitude frente ao texto: deverá rechaçar tanto a interpretação alegórica como a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm o mesmo valor. A “primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não cumprir-se”. (TODOROV, 1980, p.20)

Damásio em seu conto “Dentro da Morte” cumpre com a fórmula acima descrita por Todorov. O mundo de Boris é o das pessoas reais. No entanto, o leitor permanece em uma constante hesitação entre o que é “natural” e o “sobrenatural”, assim como o próprio personagem, que transita por estas duas vias, chegando ele mesmo, juntamente com o leitor, a vagar pelas vias da vacilação e da credulidade. A tensão, segundo o escritor Álvaro Prosselt, que prefaciou o livro **Oração de um quase descrente**, também está presente nos contos de Damásio. No caso do conto aqui analisado, o realismo fantástico encontra solo fértil em uma narrativa em que a tensão. Assume papel representativo, no conjunto de elementos trabalhados, dentre eles, o desespero irradiado por Boris, dentro daquele espaço, onde jamais imaginara que houvesse vida. Ocorre, no entanto, uma quebra desta tensão, quando Boris “ao abrir os olhos novamente, viu-se despertar em seu amplo quarto”. À partir deste momento, o leitor é levado a uma espécie de paz e alívio, por pensar assim como o personagem, que tudo não passara de um pesadelo, um equívoco. Esse jogo criado por Damásio traz uma perspectiva de um possível recomeço, em que todos os erros e a vazia vida de Boris poderia sofrer uma brusca mudança, um direcionamento ao “final feliz”. Entretanto, o final inesperado também é uma das características das narrativas de Damásio. Para Boris não houve uma segunda chance, apenas um grande assombro. “Dentro da Morte” nos revela que a escrita marginal de Damásio não esta limitada ao universo da marginalidade, no sentido em que muitos escritores periféricos se definem. Não existe, portanto, uma radicalidade ou uma roupagem que defina o estilo damasiano apenas como uma voz dos excluídos, ou de questões unicamente inseridas em um contexto de violência e exclusão, como é o caso do personagem Boris, que pertence a uma elite, mas que, contudo, cria ele próprio os

mecanismos de sua exclusão. Não por ser pobre, negro ou que evidencie qualquer outro fator que possa o colocar como um homem à margem da sociedade, mas apenas por não ter vislumbrado o real sentido de sua existência.

3.3 O PIVETE E O ADOLESCENTE

Dois personagens, ambos vivem no alto, com vista para o mar, porém a visão da vida difere entre eles. O pivete sempre desce do morro de estômago vazio e com uma revolta que alimenta sua alma. O adolescente desce do apartamento de cobertura, onde mora, com o estômago saciado e desconhecendo a dor da fome. Em uma manhã os dois se cruzam em uma avenida movimentada, trocam olhares. O garoto que desce do morro fixa o olhar no que desce do apartamento, com intimidação, olha para o tênis, constata ser daqueles que acendem as luzinhas, o que automaticamente acende seu olhar de desejo. O garoto do tênis também lança seu olhar para os pés do outro e com desprezo, vê um chinelo com as tiras trocadas. Um dos garotos tem o cabelo pixaim, a pele escura. O outro cabelos feito fios de ouro e a pele branca. O pivete pé-de-chinelo manifesta seu sentimento de revolta. Rapidamente passa uma rasteira no menino com o tênis de luzinhas, entram em luta corporal, caem no chão, um tentando defender o que lhe pertence, o outro para conseguir, nem que seja na marra, o que pensa que deveria ter por direito. Ambos ficam com as roupas sujas e rasgadas. Um policial que por coincidência, faz sua ronda nas imediações vê os moleques e os detém, coloca o loirinho e joga o negrinho no camburão. Ao chegar à delegacia, o negrinho tenta em vão falar algo, mas é interrompido pelo delegado, levando um sermão, que o chama de delinquente e salienta que pelo modo como esta seguindo a vida, só poderá chegar ou na cadeia ou no cemitério. O garoto tenta responder e mais uma vez é silenciado. O delegado salienta que, como ele, também é negro, que nasceu no morro, mas que estudou e chegou onde está. Em seguida entrega o tênis para o outro garoto e o libera. Somente depois de muitas horas detido, o negrinho consegue fazer uma ligação. Finalmente seu pai, um advogado conceituado, chega à delegacia e constata que seu filho, a vítima fora, detido, já o delinquente, que não era negro, fora liberado.

Neste conto, Damásio partiu de uma história simples, que ocorre inúmeras vezes, um roubo alimentado pela diferença social, pelo desejo em possuir aquilo que não se tem. Todavia a trama foi elaborada de forma complexa, pois o embasamento

da mesma está presente em seu significante. Ocorre uma articulação repleta de significados, a dimensão de um tema extremamente presente e que revela os preconceitos enraizados no que tange à questão da cor dos personagens, não é delegado um nível de profundidade psicológica, para sua compreensão sobre o ocorrido bastam para que fique explícita a posição de cada um dentro do contexto. No caso dos garotos, o narrador apresenta o universo em que cada um se insere, sendo suficiente para o leitor compreender as nuances sociais. O policial que aparta a briga não se preocupa em certificar-se dos fatos e não dá voz ao personagem que acredita ser mais um marginalzinho, atitude também tomada pelo delegado, que, por ser negro, fica ainda mais indignado com a delinquência do garoto.

A narração é feita na terceira pessoa, um narrador onisciente, revelando o fluxo de consciência dos personagens, e deixando nas entrelinhas os antecedentes das ações, isto fica bem evidente nas impressões de cada um dos garotos, mesmo que suas vozes não sejam ouvidas diretamente. Já em relação ao policial e ao delegado, suas vozes estão presentes, e ambas entram em harmonia quanto ao julgamento por eles emitido. O narrador apresenta duas realidades distintas, embora ambos os personagens vivam em locais com vista para o mar. Os fatos são apresentados de forma a que o leitor fique logo no início por dentro de como é a existência de cada um dos personagens, o que faz utilizando-se dos elementos que compõem a trajetória dos meninos até o momento em que se cruzam na avenida movimentada. Damásio joga com a fome e a saciedade dos estômagos dos garotos, e com o elemento material, no caso o tênis, que acaba sendo um objeto deflagrador dos sentimentos de exclusão e necessidades vivenciados pelo pivete do morro. O social neste conto engloba não somente a miséria e o tema de divisão de classes, mas o preconceito, que assume contornos inesperados, em uma sociedade que se declara muitas vezes isenta, o autor mostra que a cor independe da marginalidade em que muitos acabam por adentrar. Outra questão que chama a atenção é o próprio título do conto, categorizando e implicitamente expondo valores sociais, cabendo ao leitor até certo ponto, estabelecer quem é o adolescente a que o autor se refere e a quem cabe o título de pivete.

Figuram aqui muito nitidamente as diferenças até no que tange à classificação, se for do morro “pivete”, se for da cobertura, “adolescente”.

O conto representa a indiferença, o juízo de valores tidos como absolutos e como uma verdade pré-estabelecida pode gerar uma situação em que a justiça

torna-se cega, quando pautada na questão racial, ainda que esta história estabeleça diferenças e desigualdades, originadas com as doutrinas raciais do século XIX. Neste conto, encontramos, assim como em Pelezinho, o processo social em que está inserida a sociedade contemporânea, movido pela desigualdade e relegando às margens do sistema econômico grande parcela da população mundial. Os temas recorrentes na produção de Damásio contêm, portanto, questões universais. O conto “O Pivete e o Adolescente” foi publicado, no livro **Oração de um quase descrente**, no ano de 2009, edição do autor – Coleção Tecendo Contos.

3,4 JÚLIO DAMÁSIO MORREU

Este conto traz em sua narrativa elementos que podem servir de uma boa discussão sobre o fazer literário de um escritor marginal. “Júlio Damásio Morreu” começa com um telefonema, de uma funcionária da financeira, após encontrar nos arquivos uma dívida referente a um carro financiado. Quem atende é José, irmão do escritor marginal Júlio Damásio. Após ouvir a cobrança, informa à moça que seu irmão infelizmente morreu. Ocorre então um longo diálogo entre os dois José explica que nos últimos anos, após Júlio ter seu carro levado em busca e apreensão, pareceu ficar mais desanimado ainda, teve uma úlcera nervosa, pois já havia quitado mais de dois terços do veículo. José ainda ressalta que seu irmão precisava muito do carro para transportar seus livros, já que era escritor marginal. A moça se assusta com o termo “marginal”. José, logo a tranquiliza, explicando que escritor marginal era aquele que está à margem, que não publica com selo editorial. A garota sente-se penalizada e diz que vai comprar um livro de Júlio, na livraria em frente à universidade em que estuda. No entanto, José a desaconselha, dizendo que uma vez seu irmão retornou de lá muito abatido, pois o dono da tal livraria disse não ter espaço para autores independentes. Depois de muita conversa, a moça fala que vai colocar o débito no arquivo morto, os dois se despedem, e assim Júlio Damásio desliga o telefone e retorna para sua escrivaninha para terminar mais um conto.

O autor aqui brinca com sua condição de escritor marginal. Ao lermos o conto, acreditamos na morte de Damásio, e, através da fala do suposto irmão José, vamos nos apercebendo das dificuldades em uma época em que as falências ideológicas, culturais e éticas dominam a sociedade, e questionamos o real valor de quem assume a postura em dedicar o tempo às artes em geral e, no caso aqui mais

precisamente, à literatura. Para estar inserido dentro desta perspectiva cultural, é preciso antes de tudo, coragem, além de assumir os riscos que tal empreitada pode causar. O autor aqui recorre a um subterfúgio, a uma mentira, um dos elementos pícaros para que seu personagem escape de uma cobrança, indevida, visto que já havia pagado dois terços do carro e teve o mesmo apreendido.

Existe no conto uma forte crítica ao sistema mercadológico. Primeiramente ao sistema econômico, vinculado à financeira, e, num segundo momento à própria condição de escritor marginal, que por ser independente vê-se não somente responsável pela criação, mas também pela edição e distribuição de sua obra. O carro era para o personagem um bem que assumia não uma questão de prestígio, **status** ou poder econômico. Enfim, algo supérfluo, mas o meio que viabilizava seu trabalho de distribuição dos livros que editava. Outra pista deixada por Damásio quanto ao percalço trilhado por quem se compromete em bancar sua produção é a falta de espaços para divulgação.

Em conversa com o autor, ele revelou que, apesar do conto ser uma obra de ficção, algumas situações realmente ocorreram, como, por exemplo, sua ida a uma livraria, em frente a uma universidade de Curitiba, a fim de solicitar um espaço para seus livros, em que recebeu a mesma resposta inserida no conto. Damásio acrescenta também a falsa compreensão que muitos fazem ao se depararem com a expressão “escritor marginal”, como foi o caso da moça da cobrança, que levou um susto ao saber qual era a condição do irmão de José. Este é um aspecto que ainda resulta em equívocos, ou seja, o escritor marginal, ora é confundido como sujeito marginal, aquele que comete atos que estão em desacordo com as regras sociais, ora é visto como aquele cuja produção somente aborda temas recorrentes a questão da marginalidade em si, como se suas narrativas pudessem perfeitamente se adequar a um destes jornais, que tem a violência como foco norteador. A intencionalidade do autor foi a de colocar em pauta o real sentido de sua condição de escritor marginal, não que o seja porque aborda questões marginais em sua obra, isto fica claro que é trabalhado por Damásio nos contos analisados e em muitos outros que, devido à extensão da pesquisa não foram selecionados. Entretanto a marginalidade que o autor busca explicar é a de que Holanda nos fala, logo no início do primeiro capítulo, “à margem da produção e veiculação do mercado, mas não se afirma a partir dos textos propriamente ditos, isto é, de seus aspectos propriamente literários” (HOLLANDA, 1981, p.98-99).

Seguindo a pesquisa, para que possamos conhecer um pouco mais da obra de Damásio, focaremos agora na análise de alguns de seus microcontos, criados pelo autor para postagens na rede mundial, mais precisamente no espaço denominado de twitter, em que as inserções devem conter 140 caracteres. Os microcontos aqui analisados fazem parte do livro **Num Piscar de Olhos**, inédito, produzido durante o ano de 2011.

3.5 MICROCONTOS

A intencionalidade em inserirmos alguns microcontos de Damásio é para que possamos, através da leitura destes, nos aprofundarmos um pouco no que tange aos temas que fazem parte da narrativa deste autor. Podemos observar que na transitoriedade, um dos elementos que definem o processo narrativo, o autor incorpora elementos distintos que se revezam, o texto literário é algo que poderíamos definir como resultado de uma espécie de existir, entre o autor/leitor, o surgimento de novas sensações e explicações.

Ao escritor cabe este papel, quando estamos diante de um texto cujo compromisso é de alguma forma o de atingir o propósito maior da compreensão do humano, somos como leitores resignificados em nossa significação. Muitas coisas podem ser ditas em poucos caracteres, contudo a síntese, por vezes, pode anular o propósito. Damásio, assim como em seus contos, busca uma forma de descrever os seres humanos e como bem definiu Joseph Campbell: “o escritor deve ser verdadeiro para com a verdade. Ele é um assassino, porque a única maneira de você descrever verdadeiramente um ser humano é através de suas imperfeições”. (CAMPBELL, JOSEPH, 1990, p.5). Adentremos então nas verdades damasianas, através da análise de 26 pequenos enredos, escolhidos entre 140, com objetivo de vasculharmos um pouco mais a obra deste autor.

Os microcontos aqui analisados variam de tema, contudo poderemos notar a intencionalidade em cada um deles, seja através do humor ou de certa dose dramática, de acordo com o contexto em que cada personagem está inserido. Não existem títulos nos microcontos de Damásio, o autor entra diretamente no discurso narrativo. Sendo assim, seguiremos a sequência dos textos que o leitor poderá encontrar nos anexos desta pesquisa.

Iniciando a lista, temos um texto, em que uma mãe tece de um novelo inexistente, um casaquinho de lã, para aquecer seu bebê, nada mais normal, uma situação corriqueira vivida por muitas mães e que faz parte dos cuidados com sua prole. Seria uma situação do cotidiano se a criança não tivesse morrido de frio, no inverno passado. Aqui, Damásio nos coloca diante do drama de uma mãe, que perdeu seu bebê devido à falta de condições materiais, elemento desencadeador da morte prematura. Não bastando a situação da perda em si, o autor ainda insere o elemento da fantasia, aliado à notável loucura em que a personagem mergulhou, vivendo uma realidade pausada no tempo, mais precisamente no inverno passado. Ela tece de um novelo de lã, presente em seus devaneios o casaquinho, que poderia ter livrado seu rebento de uma morte dolorosa, causada pelo frio.

Os elementos narrativos neste microconto alinham-se unindo a ternura, que o leitor percebe logo de início, ao choque que é conduzido, quando se vê diante da real cena em que acaba de ser arremessado. Damásio provoca o leitor, tirando-o de uma situação cômoda, e o lançando na obscuridade da morte e ao mesmo tempo da loucura. A personagem aqui está completamente à margem das benesses de um sistema capitalista a que um novelo de lã pode valer muito para quem não tem as mínimas condições de possuí-lo. A linha transitória entre o ter e o não ter.

Seguindo nossas incursões sobre a narrativa damasiana temos outra pequena história, em que mais uma vez a exclusão faz parte do enredo. Aqui é uma menina que somente sentia-se acarinhada nos dias em que se fazia a cata de piolhos no abrigo onde vivia. Notamos em vários microcontos de Damásio a real intenção em projetar personagens que vivem em um universo desprovido não somente dos bens materiais, mas isento de bens imateriais, pessoas excluídas do mundo dos bons sentimentos humanos. A menina em questão parece aproveitar ao máximo o toque da funcionária do abrigo, sonhando, quem sabe com os olhos fechados, estar recebendo um carinho, um afago, quando na realidade a situação é completamente diferente. Não existe compaixão, existe alguém que apenas cumpre seu trabalho, com o único objetivo de evitar uma infestação de piolhos.

O microconto seguinte nos fala do amor. Entretanto a percepção do personagem em relação a este sentimento chegou tarde demais. Um homem percebe que nunca fora romântico, com sua esposa de longos anos, coloca então uma rosa entre as mãos, para em seguida chorar sobre o caixão da amada. O elemento da perda traz à tona um sentimento que sempre esteve oculto no

personagem, e que floresce no momento em que não mais lhe é permitido vivenciá-lo com a amada. Entretanto ele o vive intensamente enquanto vê a face da companheira pela última vez.

O autor aqui trabalha mais uma vez com a exclusão, todavia nos mostra como o ser humano muitas vezes acaba por sabotar a si mesmo e aos que estão a sua volta, relegando a um segundo plano o que deveria realmente ser prioridade. A morte como já pudemos observar no conto em que Boris é o personagem assume dentro da perspectiva damasiana, elemento essencial na busca de uma compreensão do humano.

Em outro microconto, cujo enfoque nos leva a um momento de ternura, um pai, que não podendo carregar o filho nas costas, como muitos pais costumam fazer, quando assumem o papel de cavaleiros, carrega seu filho na garupa de sua cadeira de rodas. A simplicidade de uma brincadeira infantil, em que o personagem, apesar de sua condição de cadeirante, não deixou de vislumbrar as possibilidades, mima o filho como qualquer outro pai, de acordo com as condições possíveis. O plano das limitações aqui está ausente, pois, mesmo diante de adversidades, o ser humano, quando deseja, encontra as ferramentas para se adequar à situação em que se encontra. Entre um microconto e outro, o autor ao mesmo tempo joga com as distintas formas com que as pessoas lidam com a realidade em que estão imersas.

Damásio também transita pelo caminho obscuro das drogas, no microconto seguinte. Questiona Drummond sobre a pedra no meio do caminho, no caso da narrativa em questão, uma pedra de crack. Joaquim, personagem que pela falta de informação ou apenas descaso, acabou por entrar de bobo na história, uma verdade que cada vez mais está inserida no contexto atual, a que o crack assume papel central na vida de milhares de pessoas, seja no contexto das grandes, pequenas cidades e ainda no meio rural, como recente matéria enfatiza que usineiros estariam incentivando o consumo do crack, entre os cortadores de cana-de-açúcar, com objetivo de aumentar a produtividade e fazer com que estes trabalhadores possam suportar uma jornada de até 14 horas. O autor, portanto, insere em sua obra, elementos do tempo presente, transformando a pedra que Drummond poetizou, em um novo significante.

No microconto seguinte, mais uma vez o elemento da surpresa, o final inesperado, característica de Damásio, presente não somente em seus contos. A história aqui começa com um tiro, um único tiro. Em questão de segundos, estava

tudo terminado. Podemos pensar que mais um óbito nas estatísticas de mortes violentas ocorrera, mas era a prova dos cem metros que estava terminada, a sequência de treinos, dificuldades e força de vontade de um atleta, contada por um narrador que tenta nos enganar, mas que ao final, mais uma vez nos surpreende com o desfecho, não mais um corpo caído no chão, mas um corpo atlético comemorando a vitória.

Os microcontos cumprem um efeito de choque, seja este por alegria, espanto, ou horror, o fato aqui constatado é sempre uma realidade em desacordo com o plano do enunciado em um primeiro momento, ou vice-versa.

O jovem do próximo microconto está com a cabeça totalmente mergulhada em um balde cheio de água. O autor nos faz imaginar que se trata de uma tortura típica dos militares, quando o Brasil ainda vivia sob as sombras da ditadura. A tortura pode nos remeter a este tempo, mas no caso aqui analisado, estamos diante de um jovem que, por passar no vestibular, estava sendo alvo de um trote universitário. O narrador dos microcontos está sempre se apercebendo de distintas situações, e informando o leitor sobre as facetas assumidas pelos seus personagens tão humanos, sem idealizações ou falsos heróis.

Damásio microconto a seguir brinca novamente com a questão de sua marginalidade autoral, coloca-se dentro da narrativa, informando ao leitor, que cada vez que alguém bate à porta de sua casa, a filhinha se assusta, fica apreensiva, por achar que é a polícia, pois a pequena soube na escola, que seu pai é escritor marginal. A marginalidade assume características assustadoras. Temos aqui o autor revelando de forma rápida e curta a questão que permeia esta pesquisa, tratando, contudo a sua condição de estar desvinculado a um selo editorial, como motivo de assombro e medo no entendimento infantil, mas que pode também, como já observamos fazer parte do universo adulto, como a moça do conto em que Júlio Damásio morreu já analisado por nós aqui. Retornamos agora para o plano da exclusão, neste próximo microconto, em que uma jovem observa de um lado a Universidade, do outro um teatro. Pensa nos sonhos que teve, gostaria de ter sido médica, ou talvez uma atriz. De repente é bruscamente tirada do plano dos sonhos e transferida para sua realidade: um cliente lhe toca no ombro para mais um programa. Em um quadro único, temos a visualização total da cena em questão. O autor aqui se torna uma espécie de apanhador da realidade, captando em seus sentidos os resquícios de sonhos deixados para traz. O personagem do microconto

seguinte, segundo o narrador, “trepava” muito, estava apaixonado e este fato bastava para justificar seus atos, o que parou de acontecer na escada, quando as flores do vizinho acabaram e já não mais podia presentear sua amada. Uma história com elementos extremamente simples, e que pode gerar um desconforto do leitor até o momento em que se descobre o significado de “trepár”, presente no microconto.

O autor parece gostar de jogar com o sentido que costumamos dar às palavras, categorizando-as conforme nossos próprios enquadramentos. Segundo a Profa. Ms. Luciene Lemos de Campos (SED-MS), em seu artigo “Entre Frinchas, A Poética do Microconto Brasileiro”: “o microconto, como gênero literário, longe de se limitar a aforismos, reflete de algum modo às tensões do nosso século; posto que extrai do mundo exterior a sua estranheza fragmentária e converte-a em arte”.

No microconto que segue nossa análise, temos uma vida, ainda na barriga da mãe, que se dá conta das tensões de que nos fala Campos. O feto ouve as lamentações dos pais sobre sua chegada. Não vendo perspectivas de alegrias futuras, enrola o cordão umbilical em seu pescoço. As tensões oriundas do ambiente externo adentram o mundo fetal, e acabam por encerrar a vida futura. O autor compreende na significação narrativa elementos da desestrutura da vida familiar contemporânea, antecipando o fim dos laços, por parte da ação suicida presente na trama. O fio condutor de uma realidade em que os valores humanos cada vez mais atingem proporções fragmentadas e desmedidas vai se desenrolando à medida que capturamos as histórias.

A próxima nos conta de forma muito breve a trajetória de alguém, não sabemos se homem ou mulher, mas que, por roubar na favela onde vivia, virou fumaça. O autor traz em um *flash* uma execução, em que o julgamento rápido por furto assinalou mais um destino, ou talvez o personagem apenas tenha fugido. Damásio trabalha propositalmente esta ambiguidade em alguns de seus textos.

Já no microconto seguinte, temos também de forma muito concisa a carência de uma mulher, sendo maquiada por um pó branco, a pintura da realidade através da utilização da cocaína. Nestes dois instantâneos, Damásio joga com uma carga reflexiva de realidades opostas. O escritor vive seu tempo, enxerga as coisas de seu tempo e projeta para o papel de acordo com sua própria construção. Temos também o afrodescendente, que, ao ouvir a sirene, sai correndo, o jogo aqui é trabalhar com os preconceitos de que estamos impregnados. Pensamos se tratar de

uma sirene policial, mas nos equivocamos, o rapaz era um trabalhador, que apenas não estava com disposição para enfrentar mais uma carga de horas extras. As mazelas humanas, as alegrias, os encontros, desencontros, as injustiças, estão vivas e pulsantes não mais na pena do escritor, mas em seu digitar rápido, em suas postagens, como foi aqui mencionado. No caso dos microcontos, Damásio, os insere no mundo digital, mais um meio encontrado pelo escritor marginal, que agora não depende unicamente dos livros impressos para a divulgação de suas narrativas, mais uma ferramenta a serviço dos que vivem seu ofício de escrever literatura.

O tema do preconceito é o eixo norteador deste microconto. A passagem do tempo e os reflexos que esta transição pode acarretar para nós seres humanos está representada no microconto em que o personagem procura ser mais rápido que a doença, tratando de guardar dentro de uma caixa suas lembranças, para que não fossem levadas pelo mal de Alzheimer. Todo um conjunto de símbolos e significados, uma narrativa curta, onde o leitor é remetido a um advento futuro na vida de um personagem que pode vir a ser qualquer um de nós.

A próxima personagem está dentro de um ônibus com a mãe e, ao olhar pela janela, vê a figura de um homem jogado no chão, bêbado, aponta o dedinho e questiona a genitora, perguntando se é o seu papai. Como estamos observando até aqui, elementos que compõem o fluxo cotidiano de inúmeras famílias estão imersos na teia narrativa de Damásio. Sempre parece existir uma intenção além do próprio texto, que alça um campo maior do que supõe o leitor, o terreno arenoso e de constante mutação em que a sociedade caminha.

Outro microconto é o do “filho da puta choroso”. Assim inicia-se esta história, do menino que só para de chorar, quando sua mãe chega pela manhã ainda embriagada de sua noite de trabalho. Aqui o autor coloca de forma ácida e cruel a triste verdade de mais um dos esquecidos de nossa sociedade.

O aspecto narrativo nos microcontos aqui analisados configura uma espécie de portal de entrada para situações e temas que oferecem ao leitor possibilidades de enquadramento dos fatos. Quando lemos, por exemplo, o microconto em que Damásio coloca o que a princípio nos parece uma cena sensual, um quarto à meia luz, em questão de milésimos de segundos somos atirados ao dantesco: um pai molestando a própria filha. Impossível não ficarmos emudecidos e mais silenciados do que já estávamos durante o processo de leitura. Damásio não nos poupa da real maldade, presente aqui, agora, enquanto o leitor se debruça sobre esta pesquisa,

quantas crianças estão sendo molestadas por quem as deveria proteger? Este é o papel do literato, seja ele um escritor marginal ou não, mas o de vislumbrar a vida e suas imperfeições, transpondo-a para sua obra. Os microcontos damasianos, em sua essência, estão impregnados de argumentos advindos de uma imaginação combinatória de elementos ficcionais e absurdamente reais, em que a quebra da expectativa se faz presente juntamente com a ação, cabendo ao leitor o papel de preencher as lacunas que possam existir. Finalizando, os microcontos de Damásio não são apenas jogo de palavras, pois fica evidente que ele procura dar sentido a todas elas.

4. CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi o de buscar uma melhor compreensão sobre o que seria este escritor marginal. Acreditamos que, no primeiro capítulo, ao abordarmos a gênese do artista maldito, amparados pelas considerações do sociólogo Bourdieu, e posteriormente com um pequeno flamar sobre a escrita marginal no Brasil, se não chegamos, ao menos desestruturamos os nós deste complexo tema, que se insere em um espaço de conflitos e tensões. Júlio Damásio é mais uma voz na escrita desta história, que entre tantos escritores independentes busca consolidar seu trabalho. Os escritores marginais que exercem seu ofício, em Curitiba ou no vasto território brasileiro, são viajantes contemporâneos, e que cada qual, a sua maneira, escrevem a história do tempo presente, transitam pelo caminho da margem. Não podemos situar o escritor marginal somente na periferia. Pode ele habitar com sua literatura em uma área nobre ou central de uma cidade ou ainda em um povoado do interior. O escritor, com selo editorial, ou não, tem como aliada a observação do meio em que vive. Segundo Bazzo:

Seria ridículo negar que produziram melhores obras aqueles que, por uma razão qualquer, foram banidos do sistema, cuspidos para fora da família, amaldiçoados por uma mãe histérica e por um pai asselvajado, excomungados, algemados, barrados na porta das universidades, rejeitados pelo mundo editorial, possuídos por uma ou outra forma de loucura. Eles que encontraram na própria bilis a maneira mais cruel de exercer a denúncia, por um lado contra a espécie abominável que é o homem e por outro, contra um mundo tão frívolo e tão pérfido. (Bazzo, 2002, O Mito do Escritor Marginal. Palestra realizada na UNB).

A literatura marginal assume um caráter social, pois está imersa na teia das relações humanas e de seus processos de significação. Não podemos esquecer que o escritor marginal torna-se fundamental na formação de novos leitores, por chegar a locais onde dificilmente um escritor vinculado a um selo editorial chegaria, seja vendendo seus livros de porta em porta, seja visitando escolas e ministrando palestras de incentivo a leitura. O tema instiga e permite uma gama de possibilidades. Dentro desta perspectiva, o estudo aqui desenvolvido, longe se encontra de uma finalização. Compreendemos que chegamos a algumas conclusões, no que tange aos discursos produzidos. A proposta neste trabalho foi a de demonstrar que o escritor marginal não se encontra dentro de esquemas ou verdades absolutas, como o fato de associar-se a escrita marginal somente com

produções que efetivamente englobam temas ligados à marginalidade, à violência ou à exclusão. Através da análise da escrita do autor marginal curitibano Júlio Damásio, foi possível verificar que, em sua narrativa, emergem temas ligados à temática das questões acima colocadas, mas não é isto que o define como escritor marginal. No início deste trabalho, colocamos alguns questionamentos referentes a esta problematização, acreditamos que, neste momento, somos capazes de visualizar o universo do escritor marginal, não importando o lugar específico em que deva ou não se encontrar. Não pode haver um único campo de análise definidor, assim como não nos cabe aqui emoldurar o escritor marginal em áreas específicas. Mas um elemento em particular estará sempre presente. Seja entre aqueles sujeitos sociais que dizem produzir uma literatura periférica, atentos ao local onde vivem e naturalmente transpondo esta vivência cotidiana, da violência, da exclusão, enfim, de todo um sistema repressor e pulsante em sua realidade, seja entre os que não se enquadram dentro deste tipo exclusiva de narrativa, mas que também se servem das mazelas sociais em suas produções. Contudo não focalizando sua obra somente nestes termos, mas transitando entre o centro e a periferia, o elemento que aqui nos referimos, é a ausência de um selo editorial. Não estar vinculado ao mercado, implica em estar à margem. Pensamos que o processo aqui utilizado colaborou um pouco mais com a temática aqui estudada, ao menos no sentido de dar voz a um dos atores sociais envolvidos neste ofício, o discurso da literatura sempre tem algo a mais a nos enunciar, uma espécie de tarefa contínua da interpretação e conseqüentemente da compreensão. Essa relação que a literatura cria, no caso de um escritor marginal, pode assumir uma roupagem ainda mais densa de significados, ao termos em nossas mãos uma obra, que por si só exige do autor algo que podemos definir como fôlego, entrega, desprendimento.

Poderíamos enumerar aqui uma lista, mas não é esta a intenção. Pois bem, nós leitores temos consciência deste processo, e no caso de um livro concebido, editado e distribuído pelo próprio autor, somos apresentados não somente à narrativa contida nas páginas da obra, mas aprendemos a ler nas entrelinhas da escrita marginal, pois esta nos conta outra história a ser revelada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZZO, Ezio Flávio. **O Mito do Escritor Marginal. NET** Curitiba, fev. 2012. Disponível em: <http://www.arteeanarquia.xpg.com.br/anarquismos_edson_passetti.htm.> Acesso em 14 fev.2012.

BORDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder Do Mito.** São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARNEIRO, V. Gonçalves – **A Marginalização da Literatura Brasileira dos Anos 70 e 80: um olhar sobre a produção e a crítica através das cartas de Paulo Leminski e Caio Fernando de Abreu.** Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Letras/84111-VINICIUS_GONCALVES_CARNEIRO.pdf> Acesso em 3 fev.2012.

DAMÁSIO, Júlio. **Conto dos contos e outros contos.** Curitiba: Edição do autor, 2003.

_____. **Júlio Damásio morreu + 113 continhos.** Curitiba: Edição do autor, 2009.

_____. **Oração de um quase descrente.** Curitiba: Edição do autor, 2009.

_____. **Num piscar de olhos.** Inédito, 2011.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Literatura Marginal. NET** Curitiba, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>.> Acesso em: 7 jan.2012.

_____. **Esses poetas – uma antologia dos anos 90.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NAPOLIS, V. M. Martins – **Ethos e Phatos Discursivos Em Semiótica: Uma proposta de análise do conto/crônica Coração de Mãe, enunciado por Férrez**.

Disponível em: <http://convergencia.jor.br/bancomonos/2008/vivian_napoles.pdf>

Acesso em: 25 nov. 2012

NETO, Miguel Sanches. **Crítica e redes sociais**. NET Curitiba, jan. 2012.

Rascunho. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/critica-e-redes-sociais/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

PESAVENTO, Sandra Jataty. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. **O conto e as classes subalternas**. São Paulo: Annablume, 1994. – (selo universidade literatura; 19).

REZNICK, Luís. **Qual o lugar da história local? NET Curitiba jan. 2012**. Disponível em: <http://www.historiadesaogoncalo.pro.br/txt_hsg_artigo_03.pdf> Acessado em: 5 jan. 2012.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVIA, F. Queiroz- **Crise na literatura: Um Incomodo Marginal?**

Mafuá Revista de Literatura em Meio Digital ISSN 1806-2355- ano 7 n.11 2009.

Disponível na Internet em: <<http://www.mafua.ufsc.br/>> Acessado em: 10 jan. 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução á Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

6. ANEXOS

CONTOS

Pelezinho

Apita o árbitro começa o jogo a bola está com Sufoco que passa a linha que divide o gramado ele toca pra Injustiça este domina e passa por dois perde a bola pro terceiro que toca pra Dias melhores – Pensou em café? Então é Café do Bom - ele carrega com graça a redondinha tem livre na esquerda Pelezinho é ele que recebe vai Pelezinho fazendo fila passa por um dois três chapela espetacularmente o Racismo vai Pelezinho o grito de gol está guardado na frente do Desgraça fez que ia não foi e acabou indo saiu o goleiro Aliciamento para o tráfico vai fazer - Beba cerveja Espumosa, a mais espumante - chutou e é...

-- Acorda Neguinho! Vai pra aula, filhinho, você já perdeu três dias nessa semana. Tem de estudar, a vida não é só jogar bola.

-- Mamãe, tô com dor de cabeça, dói a barriga e o dedinho do pé.

-- Levanta! Eu tô atrasada, a casa que peguei pra faxina é grande.

Dez anos mais tarde...

Começa o segundo tempo do jogo aqui no gramado ninguém mexeu no placar é zero pra todos os lados, mas o time que Só Sonham tem Pelezinho que faz a diferença falando no diabo olha o rabo ele está com a bola domina no peito lança Esperança que está perdido no gramado perdeu para Desistência que tem a bola roubada por Pelezinho atravessa a linha que divide o gramado já se aproxima da grande área driblou Miséria passou também por Humilhação que ficou caído no campo vai Pelezinho a bola é sua - Não perca tempo nem dinheiro, em caso de calote, contrate Cobrança Final, onde quem deve, paga, senão passa mal - ainda Pelezinho tem o poder da bola ficou na cara do gol vai chutar é...

-- Acorda nego. Já são quase oito horas, perdeu a aula de novo, filho. Você tem de estudar, ser alguém na vida. Sua mãe esta doente, os braços doem. A vida não é só uma bola.

-- Pô, mãe. Vê se não enche o saco, me acordou no melhor do sonho. Deixa eu descansar mais.

Dez anos mais...

Quarenta e quatro minutos do segundo tempo vamos pra última volta do ponteiro - Não se esqueça: quando for comprar relógio, compre O Pontual - com esse empate o time que Só Sonham perde o título mas ainda há tempo há um fio de esperança para a torcida porque em campo está o fenômeno Pelezinho que a qualquer momento pode decidir o jogo quem está com a bola é Desanimação ele perdeu a bola para Amanhã que lança sensacionalmente Pelezinho está acabando o tempo de jogo o juiz olha no relógio é o último ataque talvez agora Pelezinho vai pela ponta entra driblando pelo meio tem livre na direita Estudos pode fazer uma tabelinha e fazer o gol da vitória o gol do campeonato o gol da vida ignora seu companheiro de ataque vai sozinho passou por toda a defesa está na cara do gol saiu o goleiro Aliciamento para o tráfico Pelezinho chutou e... Defende o goleiro o árbitro Circunstâncias da Vida coloca ponto final no sonho da conquista tudo encerrado e sacramentado o time da Realidade Nua e Crua Sociedade é campeão com o empate de zero a zero o Time Só Sonham sai cabisbaixo do gramado...

-- Acorda, acorda!

-- Já vou pra aula, mamãe, eu não vou faltar mais, tive um pesadelo horrível.

-- Tá me estranhando, negão? Sou eu, porra, teu companheiro de cela. Levanta, daqui a pouco vai ter jogo. Hoje é a decisão com a ala B.

Dentro da morte

A pior experiência que Boris viveu foi a de se ver dentro de um caixão lacrado e enterrado. Ao abrir os olhos e se deparar com aquela escuridão macabra, e ao identificar a situação em que se encontrava desesperou-se, ele tentou de todas as formas se libertar. Mesmo com o exíguo espaço que lhe restou para se mover, chutava, e arranhava com todo ímpeto as paredes de madeira maciça de seu novo abrigo, como se sua vida dependesse das próprias garras.

Faltava-lhe o ar. O cheiro da madeira de cerejeira envernizada e envelhecida com betume impregnava-lhe o nariz e agredia-lhe os olhos. Sua angustia aumentou ainda mais por acreditar que talvez o tivessem enterrado por equívoco.

Dentro daquele silêncio sepulcral, ouvia o bater descompassado do seu coração, a respiração ofegante de um desesperado, e sentia o latejar das veias. Tentou concatenar os pensamentos, mas não encontrava a causa para estar dentro de um caixão, não se lembrava de nenhum acidente, não estava doente, não via justificativa para sua morte. Por um momento, refletiu sobre sua vida e, principalmente, sobre seus enganos. Muitos foram eles: o de trabalhar em demasia; o de deixar de se cercar por pessoas que amava para acumular bens que de nada lhe serviam naquele momento. Por correr atropelado, por correr atropelando, corria contra o tempo. Teve por toda a vida em seu pulso o marcador das horas não como aliado, mas como um escravizador. Ao passar a mão direita sobre o pulso esquerdo, percebeu seu relógio de ouro; este fora enterrado consigo. Sorriu de si mesmo. De que lhe valeu tanta riqueza, tanta pressa na vida, se o espaço na morte não permitia nem mesmo o corpo em movimento? Naquele espaço, não cabia a ganância e nem a vaidade. Outro engano, o pior deles, talvez o que deu origem a todos os demais: não acreditar que um dia sua morte chegaria e que houvesse vida dentro dela.

Com muito esforço, conseguiu levantar a cabeça e trazer o braço para próximo de sua visão. O relógio, com os ponteiros iluminados, apontava meia noite.

Penalizou-se por lembrar-se das pessoas que sentiriam sua falta. Mais triste ficou ao concluir que não haveria alguém para derrubar uma única lágrima verdadeira sequer pela sua passagem.

Tentou se conformar com o sepulcro, mas o desespero aumentou ainda mais quando percebeu que estava sendo devorado e decomposto lentamente pelos

vermes. O corpo exalava mau cheiro. De nada lhe adiantava o perfume francês que sempre usara. A combinação da essência com o aroma do seu corpo não diminuiria o odor fétido. Quanto tempo ainda restava à consciência da vida na morte? Ela seria permanente? Perguntava-se.

Lamentou as cervejas com os amigos, não as que tomaram, mas as que deixaram de beber. Imaginou-se em uma manhã ensolarada, brincando com a filha em um parque, depois de ter namorado a esposa deitados na grama à sombra das árvores. Era somente imaginação, pois não havia como se lembrar de fatos não acontecidos. Nunca se casou e tão pouco teve filhos, julgava seu tempo precioso demais para dividi-lo.

No funesto episódio, Boris teve ainda a consoladora ideia de que aquilo poderia se tratar de um pesadelo. Seria o pior de todos os pesadelos, pois parecia nunca chegar ao fim. Novamente olhou para o relógio, passava das três horas. Não cogitara o mal súbito, também se morre de repente, concluiu.

Depois de tanto se debater, exauriu-se, gastou todas as suas forças. Sentia que pelos seus dedos esguichava sangue, resultado das inúteis tentativas de lascar as paredes do caixão para se ver livre daquele lugar. Ele gritou, buscando se recobrar com o som de seu horror, mas percebeu o som abafado. Vencido pelo desespero apagou.

Ao abrir os olhos novamente, viu-se despertar em seu amplo quarto. Os olhos visualizaram toda a parede recém-pintada de azul-piscina. Respirou fundo e, pela primeira vez, percebeu que o ar da primavera que entrava pela janela entreaberta era aromatizado, e que o perfume inebriava a alma. Viu os raios de sol invadir o quarto pelas frestas das persianas, formando na parede um desenho único de luz e sombra. Ouvia o cantar dos sabiás, o chilrear dos pardais. Percebeu que o simples fato de respirar era espetacular. Seus olhos estavam diante da verdadeira beleza da vida. Olhou para o relógio de vidro rachado, apontava nove horas; perdera a reunião de negócios. Pensou em levantar-se abruptamente, mas resistiu ao lembrar-se dos momentos de horrores.

Mesmo aliviado, sentia dores no corpo como se realmente houvesse estado por algum tempo preso e enterrado dentro de um caixão. Levantou-se, foi com certa dificuldade até o banheiro para lavar o rosto e desfazer a imagem do pesadelo. Então, abriu a torneira e percebeu que jorrava mais sangue dos seus dedos do que do jato de água. Olhou para as mãos e, ao ver suas unhas e parte de seus dedos

carcomidos, levou-as com dificuldade ao rosto. Gritou para quem sabe acordar de outro pesadelo, o som desesperado ecoou em seus ouvidos. Quando tirou as mãos da face, viu-se de novo dentro de seu definitivo espaço, dentro de sua pior experiência, dentro da morte.

O pivete e o adolescente

Ambos moram no alto, com vista para o mar. Mas cada um tem uma visão bem diferente da vida.

O pivete desce do morro, leva consigo o estômago vazio e a revolta de não ter como alimentá-lo. O adolescente desce de seu apartamento de cobertura, tem o estômago saciado com um belo desjejum, e o desconhecimento do quão triste seria não o ter alimentado. Ambos se cruzam em uma avenida movimentada, trocam olhares. O que desce do morro olha para os olhos do que desce do apartamento com ar de intimidação, olha para os pés dele e vê um tênis que acende luzinhas, que lhe acendem o olhar de cobiça. O adolescente olha para os olhos do pivete com medo, olha para os pés dele e, com desprezo, vê um chinelo com tiras trocadas.

Um deles tem o cabelo pixaquinho, feito esponja de aço, a pele escura como café; o outro tem cabelo feito fio de ouro, a pele branca como leite.

O pivete pé-de-chinelo manifesta seu sentimento de revolta, passa uma rasteira no menino do tênis de luzinhas, engalfinham-se, rolam pelo chão. Um para defender o que lhe pertence; o outro para tentar tirar na marra o que pensa que deveria ter por direito. O pivete consegue tirar um pé do tênis. Ambos ficam com as roupas sujas e rasgadas.

Um policial que coincidentemente faz a ronda os vê e os detém. Coloca o loirinho e joga o negrinho no camburão.

O negrinho tenta falar algo, o policial o manda calar. O loirinho vai quieto.

O delegado é negro, não chega a ouvir o policial. Olha para o negrinho e fala:

— Seu pivete delinquente, você nesse caminho só pode chegar à cadeia ou no cemitério.

— Mas...

— Não tem mais nem menos. Eu também sou negro, nasci no morro, estudei, e olha onde estou. Fui tão ou mais pobre que você, seu pivete!

O delegado pede desculpas para o loirinho, entrega-lhe o outro pé do tênis e o libera.

Depois de horas detido, o negrinho consegue fazer uma ligação. Vem seu pai, um conceituado advogado. Sua ira esclarece o mal-entendido. Seu filho era a vítima. O loirinho era o delinquente, mas não era negro.

Júlio Damásio morreu

O telefone toca uma, duas, três vezes, ele atende:

__ Alô!

__ Alô, quem fala?

__ Aqui é o Damásio

__ Olá, meu nome é Sofia, tenho aqui em aberto uma dívida de cinco mil reais, da financeira Aymoé.

__ Desculpe, mas pensava que essa dívida havia expirado, tem mais de três anos.

__ Expirou? Como assim.

__ Caducou minha jovem.

__ Ela esta bem sadia da cabeça, continua o registro de débito, senhor!

__ Hum... pensei que o tempo, mas não convém discutir legislação, eles as mudam tão logo o povo tem conhecimento de seu direito. De qualquer forma isso não tem mais valor.

__ Tem sim, e aumentou muito, mas estamos dispostos a...

__ Não me refiro ao valor monetário, querida.

__ Então, vou estar mandando um boleto, no valor de...

__ Eu sinto muito, sou José Damásio, Júlio Damásio é meu irmão.

__ Posso falar com ele, seu José?

__ Não!

__ Por quê? Como assim? Preciso de uma resposta, onde posso encontrá-lo?

__ Lamentavelmente no cemitério. Ele morreu. Perfuração de úlcera, sistema nervoso. Quando vocês deram busca e apreensão do carro financiado, depois de ter pago dois terços do veículo, ele ficou Não que fosse apegado em bens materiais, era artista, mas transportava seus livros no carro, era escritor marginal...

__ Marginal? Nossa!

__A margem da sociedade querida, era independente. Passou a carregar a literatura nas costas, não suportou o peso desse ideal. Como ele mesmo escreveu em seu epitáfio.

__ Epitáfio?

__Breve Inscrição sobre lápides, em forma de poesia ou prosa.

__Eu sinto muito...

__Eu também, era meu irmão, e era um sujeito bom, sensível, e não por ter sido meu mano, mas era um ótimo contista...primava pelos desfechos de suas historias.

- Então... vou estar a colocar me desculpe, vou recolocar o débito no arquivo morto. Mas por formalidade posso lhe estar mandando o valor por e-mail, o senhor pode desconsiderar, pura formalidade.

__Sim. Claro. josedamasio@hotmail.com Se quiser, assim que eu receber cobrança lhe mando o epitáfio do meu irmão, tenho aqui o arquivo.

__Com certeza, quero! Mandarei já!

__...

__Recebeu?

__Estou lendo... termi-nei...

__Está chorando menina.

__Sim! Foi muito tocante, me emociono com essas coisas, ele escreve muito bem, quer dizer escrevia.

__Nosssa!!!

__Que foi seu José?

__Ainda bem que o Júlio não esta aqui, quer dizer, se estivesse vivo morreria ao ver esse valor.

__Eu sei...

__Ele deve estar num mundo encantado pelas letras. Mas se quiser procure prestigiá-lo, compre um livro dele nas livrarias Curitiba, deve ter algo encalhado, não teve publicidade a sua morte, se foi discretamente, como quem saí a francesa de uma festa. Nem uma nota do principal jornal da cidade, pelo menos, não no caderno de cultura, apenas um obituário em um pequeno jornal.

__Obituário?

__Nota de falecimento no jornal!

__Na frente da minha faculdade tem uma livraria,

__Se for qual penso, não perca tempo, lembro que meu irmão voltou dela e me disse que o dono dessa livraria alegou não ter espaço pra novos autores independentes.

__Tá, eu vou procurar os livros dele. Felicidades pro senhor, seu José. Fique com Deus, e seu irmão, que esteja com ele, eu vou comprar um livro dele...

__Obrigado, suas palavras são reconfortantes, bom trabalho, que eu também tenho que os meus afazeres agora.

__Mas uma vez eu sinto muito, me desculpe, tchau...

E assim, Júlio Damásio desligou o telefone, foi escrever mais um continho para finalizar esse livro, ficando livre para sempre de outras ligações de cobrança dessa financeira.

MICROCONTOS

Tecia de um novelo imaginário um casaquinho de lã, queria aquecer seu bebê que morrera de frio no inverno passado.

Pobre menina, as únicas vezes que se sentia acariciada era no dia de cata piolhos no abrigo.

Ao olhá-la na sala se deu conta: nunca fora romântico. Colocou-lhe uma rosa entre as mãos, declarando-se: "Eu te amo". Chorou sobre o caixão da esposa.

Não podia carregar seu filho nas costas feito cavalinho, mas mimava-o ao leva-lo na garupa da sua cadeira de rodas.

E agora Drummond? No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra de crack no meio do caminho; Joaquim suicidou-se, entrou de bobo na história.

Um tiro. Pá! Em segundos, tudo terminado. Ganhou a prova de 100 metros.

Ele tinha sua cabeça mergulhada dentro de um balde. O jovem morreu. Não era tortura militar dos anos 60, apenas trote universitário.

Na escolinha minha filha ouviu dizer que o pai dela era escritor marginal; até hoje ela tem medo da polícia bater em nossa porta.

Na praça olhava a universidade, queria ser médica. Do outro lado um teatro. Também sonhava em ser atriz. No ombro um toque, mais um programa!

Ele trepava muito! Estava namorando e apaixonado, por isso trepava tanto. Só parou de trepar na cerca, quando as flores acabaram.

Quando projetava seus sonhos para fora da barriga da mãe, ouviu as lamentações dos pais sobre sua vinda. Enrolou o cordão umbilical no pescoço.

Ator desempregado e doente ganhou um papel denso. Enfartou junto com o personagem. A plateia aplaudiu de pé. Ele soube morrer.

Roubou na favela em que morava; virou fumaça!

Maquiava sua carência com pó branco. Overdose de ilusão.

Ao ouvir a sirene, o afro-brasileiro ficou esperto, saiu correndo, bateu o cartão e foi embora, não ia fazer horas extras naquele dia.

Antes que o Mal de Alzheimer roubasse toda sua memória, tratou de guardar numa caixa de sapatos todas as suas lembranças.

Leitor voraz, ao digerir textos ácidos, passou a ter úlcera.

Sentada com a mãe no ônibus, olha pela janela: um homem esparramado na calçada, decompondo-se pelo álcool. Aponta o dedinho e pergunta: É papai, mamãe?

Filho da puta! É um filho da puta choroso. Chora a noite inteira em casa sozinho até sua mãe chegar de madrugada do trabalho bêbada.

Neonazista cometeu mais um ataque homofóbico. Enforcou-se na frente do espelho.

Ao entrar no quarto dos avós pela manhã, viu pela primeira vez um rindo para o outro, os sorrisos estavam presos dentro de um copo de água.

Meu cachorro estava escrevendo um diário. Vida de cão. Ele não tem escrito mais, bloqueio literário. A cadela do vizinho esta no cio.

Era vice do seu pai na prefeitura. Tinha no sangue a ambição política. Herdou a cadeira do genitor. Mandou mata-lo.

Envolveu-a em seus braços, beijou-a, em seguida a despiu. A cena num quarto a meia luz. Ela apenas uma menina, o crápula seu pai.

Abriu a janela para ver seu último entardecer. Com a brisa veio uma borboleta amarela pousar em seu nariz. Morreu vendo as cores da poesia.

Os amantes foram traídos pelo amor. O local onde se entregaram pela última vez foi isolado por uma fita amarela.